

PECUÁRIA

Preço da carne bovina entusiasma pecuaristas

Produtores admitem queda no poder de compra da população, mas comemoram negócios em alta fora das fronteiras. O Brasil é um importante parceiro comercial de outras nações, como a China e os Estados Unidos

Claudio Medaglia, especial para o JC
economia@jornaldocomercio.com.br

Diferentes realidades opõem interesses de produtores de alimentos e do consumidor brasileiro. De um lado, o mercado internacional aquecido. De outro, a queda do poder de compra das famílias. O impacto imediato dessa combinação foi a redução do consumo de carne bovina no País para o menor nível em pelo menos 25 anos.

Os pecuaristas estão entusiasmados. O volume de exportações aumentou 21,5% no primeiro semestre deste ano em relação a igual período de 2021, passando de 874 mil toneladas para 1,06 milhão de toneladas. A receita com o comércio para o exterior cresceu 52% sobre os primeiros seis meses do ano passado. E o preço médio da proteína subiu 25,1%, passando de US\$ 4,6 mil a tonelada para US\$ 5,8 mil por tonelada.

Os números mostram que a carne bovina brasileira ganha cada vez mais espaço no comércio internacional. “Isso ocorre graças não somente à qualidade do produto, mas também ao posicionamento do Brasil como um importante parceiro comercial de outras nações, como China e Estados Unidos, que lideraram as compras de carne bovina brasileira nos primeiros seis meses do ano”, diz o coordenador do Centro de Inteligência da Carne Bovina (CICarne), da Embrapa Gado de Corte, Guilherme Malafaia.

Apesar do bom desempenho no mercado internacional, lembra o pesquisador, nosso



O comércio internacional anima, já que o volume de exportações aumentou 21,5% no primeiro semestre em relação a igual período de 2021

maior mercado é o doméstico, onde a população vem experimentando quedas no poder aquisitivo em virtude da inflação. A pandemia de Covid-19 provocou mudanças na mesa da população. Em 2018, cada brasileiro comeu, em média, 34 quilos de carne. Já em 2021, foram 27 quilos. E, para este ano, a projeção é de uma queda de 10,6% em relação ao ano anterior. “A carne bovina teve uma inflação média de 78% desde 2018 até agora”, calcula Malafaia.

Ele projeta, entretanto, que esse consumo se fortalecerá num futuro próximo, à medida que a renda e as preferências alimentares se expandam. “A tendência de percepção de mais saúde, qualidade e experiência com produtos que fazem o consumidor se sentir bem também será forte na carne bovina, gerando oportunidades para projetos de carne de qualidade e de marcas-conceito.”

Para Malafaia, o desafio do

setor, no curto prazo, é proteger os rebanhos das ameaças sanitárias, que oferecem riscos para o comércio. Além disso, más condições climáticas em regiões de cultivo de grãos podem levar à redução da produção de ração e resultar em custos mais elevados para os processadores de carne. “Já no longo prazo, o desafio será intensificar a produção pecuária para que se garanta a capacidade de atender a demanda crescente de carne bovina sem a necessidade de avançar em áreas de florestas, uma vez que o desmatamento representa riscos para toda a cadeia produtiva”, diz.

Para o presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), Gedeão Silveira Pereira, as expectativas de futuro são ótimas, não apenas sobre a carne bovina, mas sobre o conjunto do agronegócio.

“A pecuária é um componente desse conjunto, como o frango, a carne suína, a soja, o

milho, o trigo, enfim, todos os produtos que saem do campo. O Brasil já é o maior exportador líquido do mundo no setor. Neste ano, é bem provável que superemos os US\$ 10 bilhões em exportações de carne bovina”, comemora o dirigente, que projeta ver o País abastecendo 50% do mercado mundial de carne bovina até 2040.

Pereira reconhece, porém, os problemas com a diminuição do consumo no mercado interno, devido à queda do poder aquisitivo da população. “Atualmente, entre 70% e 80% da produção é vendida internamente, e as exportações são crescentes. Mas o Brasil começa a apresentar sinais de crescimento econômico, e também deveremos verificar uma retomada local da demanda”, acredita.

Veterinário e pecuarista na região da Campanha, Pereira também comentou a situação no Estado. A entrada, nos últimos anos, do cultivo de soja

na Metade Sul, tradicionalmente ocupada pela pecuária de corte, transformou a atividade pecuária. “Com o grão, veio o aumento da produção de forrageiras. E, na esteira, a introdução de raças britânicas nos rebanhos, com uma genética espetacular”, avalia.

De acordo com o representante da Farsul, o caminho para a pecuária de corte é investir na verticalização para se manter competitiva frente ao avanço dos grãos, especialmente a soja e, mais recentemente, o milho irrigado.

“Esses produtos são competidores da pecuária, mas a atividade se beneficia dos investimentos em agricultura. O Rio Grande do Sul provavelmente tenha diminuído sua população bovina, mas, pela verticalização, tivemos um aumento de qualidade, sustentando a atividade com menos vacas e mais eficiência. Além disso, os mercados árabes e asiáticos são fortes compradores da carne gaúcha”, frisa.